



VOTO DE PESAR

FALECIMENTO DE JOSÉ MÁRIO BRANCO

Por proposta apresentada pelos eleitos do Partido Socialista, a Assembleia Municipal de Montemor-o-Novo, reunida, em sessão ordinária, no dia 22 de novembro de 2019, deliberou aprovar, por unanimidade, o seguinte VOTO DE PESAR:

Não há que economizar palavras, o recente falecimento de José Mário Branco corresponde ao desaparecimento de um dos maiores nomes da música portuguesa dos últimos 50 anos, senão mesmo, numa perspetiva de dimensão global, o maior dos nomes. Dito de outra forma, nele podemos encontrar o cantor, o compositor, o poeta, o músico, o diretor musical, o arranjador, o produtor, o maestro, o pensador e o teorizador, isto para não falar no seu papel importante na luta contra o antigo regime, uma componente de cidadania fundamental na arquitetura da sua vida. Nesta última dimensão, alguém para quem a música tinha para além de uma componente estética e técnica, uma importante componente ética.

A sua obra não foi muito prolífera, mas tudo o que produziu foram obras únicas e marcantes, aquilo a que se chamam obras-primas. “Mudam-se os Tempos, Mudam-se as Vontades” (1971), “Margem de Certa Maneira” (1972), “A Mãe” (1978), “Ser Solidário” (1982), “A noite” (1985), “Correspondências” (1990), “Ao Vivo em 1997” (1997) e também “Resistir é Vencer” (2004), o último trabalho de originais de José Mário Branco, demonstram o raro nível qualitativo de alguém que considerava ser importante gravar apenas quando se tinha realmente alguma coisa para dizer. Outra das suas características é ter feito de alguma forma, uma sublime mediação entre a música tradicional, a música popular, a música erudita, o fado, o jazz, o rock, a música antiga entre outros elementos sonoros (o sublime exemplo dos passos que se escutam na gravação de “Grândola Vila Morena” do José Afonso), abrindo portas e fronteiras, sabendo-as incorporar nas suas obras e na de outros, que ajudou a erguer num altruísmo impar.

Exemplos disso são os arranjos e a direção musical dos dois pináculos da obra de José Afonso: Cantigas do Maio (1971) e Venham Mais Cinco (1973). Foi com a presença de José Mário Branco que o génio melódico e literário de José Afonso deu um enorme salto. A arquitetura sonora, a diversidade tímbrica, as texturas musicais desenhadas por José Mário, permitiram dar à obra de José Afonso um enorme salto qualitativo. Outro dos muitos exemplos que poderíamos destacar, foi a direção musical e a produção de grande parte da obra musical de Camané, que o considerou o nome mais importante da sua carreira.

A coerência de pensamento de José Mário Branco foi até ao fim, um livre pensador, podemos até discordar ou concordar com as suas opções políticas, mas o que importa realçar, é o gigantesco edifício musical que ergueu e ajudou outros a erguer. Não quis condecorações; por força das circunstâncias e convicções, teve de abandonar estudos superiores e exilar-se; já numa idade avançada, voltou à universidade para estudar. A confirmar-nos que a aprendizagem é ao longo da vida. A humildade de um verdadeiro mestre. Nele, prevaleceu sempre o verbo SER relativamente ao TER, num tempo, em que os media dão tempo de antena a tantos que nada têm para dizer, para além

das manifestas banalidades. O tempo dele sempre foi outro, o da criatividade, da força das palavras, dos sons e do livre pensamento, mesmo que divergente.

Em síntese, alguém que ligou a ação ao pensamento e ao sentimento, dito de outra forma, ligou a técnica, a estética e a ética anteriormente referidas. E isso é raro, muito raro. Ensinou-nos que “resistir é vencer”, e que apesar da pertinente “inquietação”, há que “ser solidário” e “companheiro”. O seu desaparecimento é como uma luz que se apaga, saibamos ao menos reacender a sua obra e ouvi-la em permanência, mesmo num tempo em que tanta coisa parece girar em sentido contrário. Essa é a melhor das homenagens que lhe podemos prestar.
Obrigado, José Mário Branco.

Montemor-o-Novo, 22 de novembro de 2019